SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
DEZEMBRO
DE 1971
N.º 320

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

RESPONSABILIDADE

Por EDUARDO RIBEIRO

A cólera, doença velha de muitos séculos e pesadelo de muitas gerações, era calamidade de que há muito ouvíamos falar como endemia que ainda afectava povos atrasados do Oriente que, à míngua de cuidados profilácticos e vivendo em extrema miséria, eram fàcilmente vitimados pelo terrível mal. Nunca nos preocupámos demasiadamente com o caso. Usufruíamos de uma civilização adiantada, gozávamos do privilégio de um razoável nível de vida e dos benefícios de condições aceitáveis, portanto, podíamos viver tranquilos, em completa segurança, já que o problema não nos dizia respeito. Talvez até o flagelo tivesse a vantagem de servir para atenuar a tremenda explosão demográfica dessas estranhas raças. Decididamente, a cólera era coisa remota e não merecia a pena incomodar-nos com a tragédia consequente do incrível atraso social em que essa gente vive.

Os governos das nações desenvolvidas também não estavam nem estão muito preocupados com a infeliz condição desses povos. O seu atraso, embora de lamentar, tem a vantagem de proporcionar mercados para colocar excedentes da sua poderosa indústria. Enquanto se investem somas astronómicas nas pesquisas de interesse bélico, arriscam-se tímidas contribuições para socorrer as nações subdesenvolvidas. O fornecimento de equipamento industrial e agrícola que possa fomentar aí o progresso é preterido pelo fornecimento de armas, mais necessário para alimentar ódios.

Abandonados a si próprios, estes povos não conseguem solucionar os graves problemas que os afligem. Nessa situação de infelicidade e desgraça nem só a doença prolifera. A agitação social, os tumultos, os conflitos e a própria guerra geram-se nesse ambiente de miséria, criando clima mais favorável ainda à propagação das pragas. Foi assim que a cólera passou a grassar com mais intensidade, se transformou em epidemia, e veio agressiva e irreverentemente bater à porta da Europa, sem se importar com a nossa egoísta tranquilidade e sem o menor respeito pela nossa civilização. Apareceu na Espanha, houve notícia dela na França, na Suíça, na Escandinávia e, quando menos esperávamos, ei-la que aproveita o ambiente favorável dos bairros miseráveis da periferia de Lisboa, bairros cuja existência também fingíamos ignorar, porque não nos compete *endireitar o mundo*.

A epidemia, que tanto nos inquietou, terá sido sustida graças às providências das autoridades sanitárias, mas o seu perigo aí está, ameaçador, destruindo a ilusão de segurança que alimentávamos. Tenha ela servido para despertar a nossa consciência para as realidades, para que saibamos que não podemos nem devemos desinteressar-nos da sorte dos nossos semelhantes. O mundo é demasiadamente pequeno para que possamos permitir impunemente atentados à vida em zonas determinadas do mundo ou em bairros desprezados das nossas urbes. A vida, toda a vida, é algo indivisível. Todos estamos sujeitos às mesmas leis naturais, pelo que temos de ser sempre solidários. Tudo que afectar a natureza prejudica a vida e, se esta correr algum risco em determinada zona, toda a vida corre perigo. É disto afinal que os cientistas nos vêm a prevenir, quando condenam a indiscriminada destruição das plantas ou da fauna, mesmo daquela que consideramos daninha. A natureza cuidou do equilíbrio da vida, equilíbrio que é prejudicado pela arbitrária intervenção humana.

A poluição é outra forma pela qual o homem atenta contra a vida. É consequência directa do egoísmo humano, resulta do *não-te-rales*, do comodismo, da falta de respeito pelos interesses alheios. A epidemia é uma forma mais de poluição e esta é a maior ameaça que pesa sobre a sociedade tecnológica dos nossos dias. O grande Alberto Schweitzer dizia que *a afirmação aprofundada do mundo e da vida consiste em manifestarmos a vontade de conservar e valorizar no máximo a nossa vida e todo o tipo de existência que possa*

Continua na pág. 2



SEMPRE PRONTO

apresenta a todos os seus estimados Assinantes, Amigos, Colaboradores e Leitores os votos muito sinceros de um Natal Feliz e um Ano Novo muito venturoso.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

(...) A CORTESIA era a qualidade distintiva, característica dos antigos cavaleiros, e numerosas são as histórias que nos relatam exemplos edificantes de cortesia dados por nobres e plebeus no decurso dos séculos. Sendo o Escotismo a Cavalaria do nosso tempo, não é de estranhar que B.-P. incluísse na Lei a cortesia como qualidade a aperfeiçoar por parte dos Escoteiros. Efectivamente a 5.ª Lei diz:

O ESCOTEIRO É CORTÊS

E acrescenta:

> «*Isto é, é delicado com toda a gente — mas especialmente com as mulheres e as crianças, os velhos e os inválidos, paralíticos, etc. E não deve receber qualquer recompensa por ser obsequioso ou cortês*».

Meus rapazes: Os nossos tempos são bem tristes, se os compararmos aos de há 30 ou 40 anos *(50 ou 60 anos em relação ao ano de 1971)*. Eu bem sei que os velhos acham sempre o seu tempo de moços o melhor, mostrando-se normalmente incompatibilizados com os hábitos e maneiras da gente nova. A verdade, porém, é que a juventude de hoje está a ser educada dentro de tal ambiente de rudeza e de grossaria que eu receio bem, meus Irmãos, que, breves anos andados, tenha desaparecido de vez a flor rara da bondade, cujo perfume é a cortesia, a delicadeza, a gentileza de modos e maneiras, a que tão grande culto se prestava no passado e que foi elevada aos maiores requintes no século XVIII.

.....

Vejamos primeiro, meus rapazes, alguns princípios que me parece vós, como Escoteiros, deveis ter presentes, muito mais que ninguém, sem vos importardes que a chamada sociedade *bem* vos acoime de *possidónios*, de *botas-de-elástico* ou de outras amabilidades de que a tal sociedade detém o privilégio...

Assim:

Em casa — respeitai os vossos pais, ouvi-os sempre com atenção concentrada, não façais qualquer observação enquanto falam e, se tiverdes de fazê-la, pedi licença para expor a vossa opinião, com respeito mas sem rigidez... Obedecei prontamente às ordens que vos derem... Evitai deitar papéis no chão...

À mesa — sentai-vos só depois de vossos pais se sentarem e não comeceis a comer sem vosso pai (ou vossa mãe, na falta dele) ter começado... Se não tiverdes criado, aguardai a vossa vez e fazei-o com discrição, sem mostrardes ânsia de comer e sem revelardes apetite despropositado... É à mesa que, de facto, se revela melhor a educação de uma pessoa.

Na conversa — evitai intrometer-vos quando outros estão a falar. Se tiverdes de nela intervir, fazei-o sem dardes a impressão de serdes intruso... Evitai falar demasiado alto com os vossos interlocutores e não façais como certa gente grosseira que, ao falar, constantemente bate nas pernas ou nos braços das pessoas que lhe estão vizinhas. Quando falardes, olhai de frente as pessoas a quem vos dirigi, mas de modo natural, sem as fixardes demasiado, que se tornaria ofensivo. Quando se vos dirigirem, escutai atentamente, ainda que a conversa vos não interesse... Evitar o emprego de estribilhos e frases-bordões, de que usam geralmente os mal-educados, por exemplo, *não sei se me faço perceber, não sei se já viram, não sei se já ouviram falar* e outras de tal jaez. A conversa deve decorrer naturalmente...

Na rua — caminhai de preferência pela beira do passeio, dando o lado de dentro a quem venha em sentido contrário. Se tiverdes de atravessar a rua, fazei-o nos lugares naturalmente indicados para isso, e nas cidades onde houver sinaleiros de trânsito, obedecei pronta e correctamente às suas ordens... Sempre que possível, vede se alguém carece do vosso auxílio, especialmente crianças e gente idosa, que em geral se enervam quando têm de cruzar o pavimento atravessado pelos carros. Encontrando conhecidos, não vos espequeis no meio dos passeios, impedindo o trânsito... Se vos pedirem uma informação, tirai o chapéu ou, se seguirdes em cabelo, baixai de leve a cabeça e, de uniforme, fazei a saudação escotista, o que repetireis quando seguirdes avante... Entrando num estabelecimento ou num teatro, ou ainda num carro eléctrico, ou num autocarro, subi depois das senhoras; à chegada, porém, deveis descer primeiro para as ajudardes a sair do veículo. Não faleis alto e jamais riais às gargalhadas, pelo efeito grosseiro que isso produz. Se alguém deixar cair inadvertidamente um objecto, correi a apanhá-lo... Não empurreis ninguém... Se vos empurrarem, deixai passar os importunos: há pessoas que, por muito correrem, chegam sempre tarde...

Nos carros — havendo ajuntamento, deixai passar os apressados. Entrando, tende o cuidado de não pisar ninguém, apressando-vos a pedir desculpa se o tiverdes feito inadvertidamente... Entrando senhoras, crianças ou pessoas idosas, apressai-vos a ceder-lhe o vosso lugar; não imiteis os que se desculpam com dizer que não fazem isso, porque a maior parte das pessoas não agradece. As acções praticam-se por imperativo de consciência e nunca com o intuito de que no-las agradeçam. Deveis mostrar que sois rapazes de coração e não meros actores ensaiados para representardes um papel social.

Em público — sede obsequiosos, sem parecerdes demasiadamente serviçais. Falai imediatamente, em voz pausada, evitando os termos rebuscados ou os demasiados grosseiros... Não tomeis atitudes de demasiada familiaridade, senão quando entre amigos íntimos... Bani do vosso vocabulário os termos grosseiros ou reles, os termos de calão, as construções estrangeiradas, tanto do gosto da mocidade de hoje.

Lembrai-vos, meus rapazes, de que tudo quanto é grosseiro, deve ser repelente...

Se nós quisermos, poderemos começar já hoje a remar contra a maré crescente. E por muito grossa que seja, ela jamais infundiu medo a um Escoteiro.

IMPONDE a vossa cortesia à descortesia geral, e estou certo de que dentro de alguns anos (os resultados são sempre lentos) se notarão bastantes modificações.

Sobretudo, tende coragem... Só assim se vence. Só assim podereis vencer.

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

RESPONSABILIDADE

Continuação da pág. 1

ser influenciado deste ou daquele modo por nós. Requer de nós que estabeleçamos pelo nosso pensamento todos os ideais de progresso material e espiritual do indivíduo, da sociedade, da Humanidade, e nos deixemos determinar por eles no sentido de ininterrupta actividade e constante esperança. Não nos permite ensimesmarmo-nos, porém, manda-nos encarar com interesse vivo e, se possível, activo tudo quanto ocorrer em torno de nós. Inquietarmo-nos, devido à nossa relação para com o mundo, embora possamos viver tranquilamente, retraídos sobre nós mesmos — eis o que nos impõe a afirmação profunda do mundo e da vida.

Estas considerações servem para evidenciar a nossa grande responsabilidade na manutenção da vida, responsabilidade que se deve manifestar no interesse que dispensamos ao nosso semelhante, nos esforços que empregamos para o bem comum, para a conservação da natureza, numa palavra para o progresso da Humanidade. Mas é neste grande imperativo que vamos exactamente encontrar sentido para a nossa existência. Existimos para viver, para contribuir para que os outros vivam. Viemos ao mundo para servir e ajudar a viver. Só à luz desta responsabilidade, podemos ocupar o nosso lugar na sociedade, sabendo que toda a nossa actividade, a nossa profissão mesmo, tem um sentido de missão, visa contribuir para a vida colectiva. Sempre que nos fechamos sobre nós próprios, cerrando os olhos à realidade, tentando ignorar a fome, a doença, o sofrimento, atraiçoamos o nosso dever para com a vida, de que fazemos parte integrante.

Através dos séculos, porém, o homem tem procurado iludir a sua grande responsabilidade. Já Caim, o fratricida, interrogava: — *A caso sou eu o guarda de meu irmão?* Pois somos de facto responsáveis pelo nosso irmão. A sua segurança, a sua felicidade, dizem-nos respeito. O atraso de certos povos; a fome; a miséria e promiscuidade dos bairros marginais de nossas cidades; a poluição; o asseio da nossa vila, são problemas de nossa responsabilidade. Temos o dever indeclinável de trabalhar para a sua solução, sem que esse esforço se limite a qualquer obra de caridade que possamos promover nesta quadra do Natal.

Era isto que B.-P., o fundador do Escotismo, nos dizia quando aconselhava: *O melhor meio de encontrar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros.* No mundo não poderá haver segurança física ou social enquanto em nossa volta houver infelicidade. Terá sido esta a grande lição que nos trouxe a epidemia de cólera. Importa retê-la.



por MENDES MARQUES

O JAMBORI DE BAD-ISCHL

Há já algum tempo, e baseando-me em elementos recolhidos no jornal do SSCC em artigo assinado por Peter Buck, escrevi um pequeno apontamento sobre o 7.º Jambori Mundial, que teve lugar em Bad-Ischl (Áustria), de 3 a 13 de Agosto de 1951.

O meu Ex.mo Amigo, Sr. Joel Ribeiro, teve a gentileza de me chamar a atenção para uma possível deficiência na referência feita ao emblema do Jambori, reproduzida no selo e carimbo comemorativos.

Eu explico-me: o acontecimento teve lugar na Áustria, atento o rápido e florescente desenvolvimento do escotismo na zona ocidental deste país. Como se sabe, a ditadura hitleriana fez-se sentir na Áustria, estando o movimento proibido de 1938 a 1945. O país veio a sofrer as consequências do alinhamento com o ditador germânico, com a sua divisão em duas zonas, por imposição das potências vencedoras, situação que se manteve até 1955.

Sob o signo da música — a Áustria é o país da música por excelência —, o Jambori foi comemorado com um dos mais belos selos da temática escotista, impresso em três operações distintas, talvez caso único até então: gravação para a moldura, legendas tipografadas e fotogravura para a insígnia. Sob desenho de Ernst Schrom, a Imprensa Nacional Austríaca emitiu um milhão de exemplares, postos à venda no dia da abertura do Campo. Foram ainda emitidas cópias a negro, sistema adoptado na Áustria, em pagelas apropriadas, contendo elementos sobre a história do escotismo e sobre o próprio selo em si.

Dizia eu, então, que o emblema do Jambori era uma «harpa judia». Foi esta afirmação que motivou a observação citada, sendo-me, mesmo, remetido um exemplar do jornal daquela data onde era referido, como emblema, um instrumento de som por vibração, tradicional na Áustria há já centenas de anos.

A configuração do instrumento, a falta de ligação com a cultura judaica e o sentido vocatório da Áustria, musicalmente falando, «obrigaram-me» a pensar e a procurar, mais ainda por, na versão francesa dum dos últimos números de «World Scouting», em artigo de Harry Thorsen, lá vir a «harpa judia». Tradução incorrecta? Como quem porfia, sempre alcança, eis que surge o «berimbau», efectivamente a solução correcta do emblema a que nos vimos reportando.

O que é, pois, um berimbau? Um instrumento musical muito vulgarizado na Ásia, Europa central e Holanda há já alguns séculos. Trata-se dum instrumento composto dum arco de ferro ou latão e duma lingueta de aço elástica, soldada por uma das extremidades no arco. Para o utilizar, segura-se com a mão esquerda entre os dedos e os lábios, e faz-se vibrar a lingueta com o indicador da mão direita.

NOVIDADES

O XIII Jambori Mundial que, como é sabido, teve lugar no Japão durante o mês de Agosto de 1971, motivou a emissão dos seguintes selos:

Mali, 1 valor; Alto Volta, 1 valor; Congo (ex-francês), 4 valores; Mauritânia, 1 valor; Senegal, 4 valores; Níger, 4 valores; Chade, 1 valor; Granada, 4 valores; Coreia do Sul, 1 valor; Domínica, 4 valores; Libéria, 6 valores; Japão, 1 valor; num total de 32 selos. Por coincidência (só?), a maioria dos países citados também havia feito idêntica emissão quando do XII. Não serão selos a mais?

O 25.º aniversário do Clã Lobo Gris, de Madrid

O Boletim Circular, dos Exploradores de Espanha, que estamos recebendo com toda a regularidade, veio lembrar-nos que em 1972 se comemora o 25.º aniversário do Clã Lobo Gris, fundado por um corajoso grupo de caminheiros de Madrid.

Esta efeméride é muito grata a «Sempre Pronto» porque evoca uma das mais agradáveis recordações da viagem que a sua equipa directiva fez em 1947 a França, para participar no Jambori Mundial da Paz. Tendo resolvido fazer a viagem uniformizados, apesar de sabermos que o Escotismo estava suspenso em Espanha, fomos aqui saudados com a maior emoção por antigos exploradores de Espanha, alguns dos quais não conseguiram ocultar as lágrimas que traiçoeiramente lhes corriam pelo rosto.



Enrique Genovés discursa na sessão solene comemorativa do 10.º aniversário de «Sempre Pronto», quando da sua visita a Lisboa

E foi assim que tomámos conhecimento com um núcleo de Escoteiros de que faziam parte José Forasté Oliver, Enrique Genovés, José Magallón, Isidoro Diaz Zorita Reis, a que se juntaram mais tarde Vítor José Malo de Molina, Rojas, Roberto Moro, Róman Garcia e outros cujo nome não conseguimos reter.

Enrique Genovés registava assim o acontecimento nas colunas de «Sempre Pronto»: «Por umas curtas horas, o vistoso uniforme dos Exploradores tem passeado em Madrid, enchendo de emoção o coração de alguns rapazes escoteiros espanhóis, que, à sua vista, têm voltado a seguir, imaginativamente, os antigos seguidores de Baden-Powell».

E não foi só «imaginativamente» porque foi exactamente este grupo que formou o Clã Lobo Gris, que se tornou o impulsionador do Escotismo em Espanha, constituindo o seu principal quadro de dirigentes.

«S. P.» ganhou com este feliz encontro um punhado de bons amigos e foi através destas colunas que o Clã Lobo Gris se tornou conhecido não só em Portugal mas no mundo escoteiro. Genovés escreveu diversos e inspirados artigos em «S. P.» e o Clã Lobo Gris, em 1955, retribuiu a nossa visita, fazendo-se representar nas cerimónias comemorativas do 10.º aniversário, entregando-nos uma moldura com um pergaminho subscrito pelos seus membros. Essa delegação foi constituída por Enrique Genovés e sua Esposa, D. Loreto, antiga guia; José Forasté, e Roberto Moro.

É por isso com a maior simpatia que «Sempre Pronto» saúda o Clã Lobo Gris, obreiro do ressurgimento do Escotismo em Espanha.

PEQUENA IMPRENSA ESCOTEIRA

«Rumo»

Recebemos o 3.º número deste interessante órgão do 300.º Agrupamento do CNE, que se publica no Porto.

Insere abundante noticiário e colaboração de muito interesse, sendo excelente o aspecto gráfico.

Boa caça! são os nossos votos para este valioso boletim.

«O Jambori»

Pequeno jornal dos escoteiros de Agualva-Cacém, apresenta-se com uma interessante disposição e recheado de ideias sugestivas, nìtidamente escoteiras.

Desejamos a este órgão contínuos progressos e longa vida.

«O Fogo»

Este Boletim Oficial do Agrupamento n.º 278 do C. N. E., de Gondomar, depois de um interregno, voltou a publicar-se em 16 de Novembro passado, mas agora impresso e com um melhor aspecto gráfico.

Felicitamos aquele Agrupamento e agradecemos a visita.

«Escoteiro do Planalto»

Agradecemos a visita que regularmente nos tem feito este boletim informativo da Região do Distrito Federal da União dos Escoteiros do Brasil, ao qual desejamos contínuos progressos.

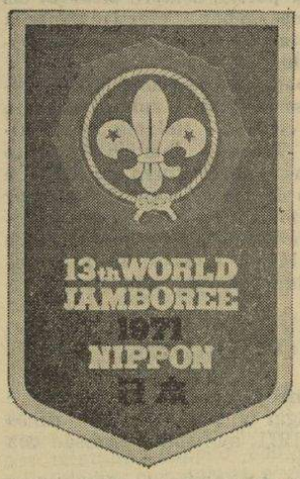
Boletim informativo da Região Escoteira do Rio Grande do Norte

Recebemos e agradecemos o número 8, de Outubro p. p., com noticiário e colaboração diversa.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

De luto

Encontra-se de luto pelo falecimento, em 23 de Junho p. p., de seu pai, sr. Alfredo Teixeira, o chefe do Grupo 17, do Porto, sr. Manuel Teixeira, a quem, por este motivo, apresentamos as nossas condolências.



COMO FOI O JAMBORI MUNDIAL

Quando um tremendo vendaval caiu sobre o grande acampamento...

MANUEL RODRIGUES continua a descrever o grande acontecimento

Mas um Jambori Mundial é sempre um alfobre de surpresas e de acontecimentos que deixam indeléveis recordações de prazer em quem alguma vez teve o privilégio de nele tomar parte. Não fugiu a esta regra a grande reunião de Asagiri Heights, razão por que o chefe Manuel Rodrigues não deixa de fazer jorrar a copiosa torrente das suas lembranças. E assim, continua a descrição dos eventos que gravitam no seu cérebro:

— Fui convidado pelas associações dos escoteiros arménios, da África do Sul, de Hong-Kong e da China. Infelizmente, o convite desta última só o recebi no dia seguinte ao da realização do beberete, pelo que não pude comparecer. No dia seguinte, dirigi-me ao seu campo para apresentar desculpas aos dirigentes, os quais aproveitaram o ensejo para me oferecer um galhardete da sua associação.

«Durante esses beberetes, havia trocas de lembranças. Ora eu, estando ali só e a minhas expensas, não me era possível oferecer alguma coisa de valor material. Resolvi essa situação, ofertando um emblema de lapela e outro de investidura da AEP, creio que, portanto, com algum valor estimativo.

Perguntámos-lhe então:

— Temos conhecimento de que contactou no Jambori com um dos astronautas americanos...

— É verdade. Foi um ponto alto desse acampamento a visita de três dias de Neil Armstrong, comandante da *Apolo 11* e o primeiro ser humano a pôr pé na Lua. O célebre astronauta visitou alguns subcampos e tive oportunidade de me encontrar com ele durante o beberete no campo do contingente da África do Sul. Cumprimentei-o em nome dos escoteiros portugueses e fui fotografado a seu lado. Em geral, demorava-se escassos minutos nessas visitas de cortesia, não sei se por imposição da organização do Jambori, ou se por conveniência dele próprio.

«Durante um espectáculo realizado na Arena e, portanto, com a presença de 50 000 pessoas, Armstrong desceu ao centro para falar às *massas* através dos altifalantes. Imediatamente foi rodeado por milhares de escoteiros que queriam tocar nele e fotografá-lo. A TV, que estava a transmitir essa passagem, acabou por desistir por lhe ser impossível chegar junto dele.

«Neil Armstrong, que quatro anos atrás enviara do espaço, a 100 000 km da Terra uma mensagem aos escoteiros que se encontravam no 12.º Jambori Mundial, no Idaho, referiu-se a isso, dizendo a gracejar: «*Eu podia ver a Terra, mas não as tendas*». Afirmou, depois, que se encontrava satisfeito por estar envolvido tanto no escotismo como na exploração do espaço, porque ambas as actividades têm o mesmo objectivo: — a Paz.

«Como esta visita se realizou nos dias seguintes à chuva, perguntei-lhe se na Lua o piso também era assim, ao que ele respondeu: «*Não, lá é um pouco melhor*»!

Um temporal desce sobre o acampamento

Manuel Rodrigues passa agora a descrever um aspecto comum a tantos jamboris: as intempéries. Diz ele:

— De lamentar que, ao terceiro dia, um rabo de ciclone viesse colocar na inactividade todas as realizações. A chuva, o vento, o nevoeiro, deitaram abaixo grandes construções. Foram três dias de chuva puxada a vento, que deitou por terra muitas tendas. Noutras, que resistiram ao temporal, não se podia dormir nelas porque a água chegava ao meio das pernas. A minha, por exemplo, agitava-se de tal maneira que a todo o momento parecia ir pelos ares. Foram dias terríveis. Mais de 15 000 escoteiros foram evacuados para escolas e templos. Muitos dirigentes abandonaram o campo e foram para Tóquio. Aqueles que, como eu, ficaram, mal podiam sair das tendas, situação que se tornou bastante incómoda, devido à dificuldade na confecção da comida. De vez em quando, a chuva parecia parar, vendo-se algum raio de sol, o que dava algum alento aos escoteiros, os quais sonhavam com o fim do mau tempo. Só no termo do terceiro dia é que a chuva enfim parou, mas o vento e o nevoeiro continuaram por um período ainda longo.

Mas depois do mau tempo vem a bonança e Manuel Rodrigues prossegue:

— A boa organização do Jambori tomou logo as providências que a situação reclamava: centenas de escoteiros japoneses, elementos das forças armadas e muitas outras pessoas em pouco tempo puseram de pé todas as construções derrubadas, o que permitiu que as actividades voltassem a prosseguir normalmente, apesar do terreno molhado e escorregadio. Foi, evidentemente, lamentável que o programa tivesse de ser suspenso durante aqueles três dias, porque estavam nele incluídas algumas grandes actividades do folclore japonês. Pelo mesmo motivo — terreno escorregadio — foi cancelada a escalada ao Monte Fuji, prevista para o penúltimo dia do Jambori, na qual eu estava inscrito e também o companheiro Manuel Faria, assim como cerca de 1000 escoteiros doutros países. Mas, enfim, um escoteiro tanto o é no bom como no mau tempo e a muitos dirigentes ouvi dizer que aqueles dias de vendaval serviram para valorizar a organização.

As repercussões do Jambori

Manuel Rodrigues continua na sua descrição:

— Os escoteiros reunidos no Jambori tiveram o privilégio de receber do Papa Paulo VI saudações e congratulações pela realização daquela importante actividade. Sua Santidade afirmou que aquele Jambori Mundial seria com certeza mais uma oportunidade para se alcançar uma melhor compreensão entre os membros de nações e culturas diferentes e uma renovada inspiração para o trabalho da nobre causa do escotismo. Terminava, invocando para todos os participantes a orientação e a ajuda de Deus, para os quais enviava a bênção apostólica.

«No dia 7, o príncipe Akihito e a princesa Michiko fizeram uma visita ao grande acampamento. Eram cerca das 10 horas quando Suas Altezas ali chegaram. As cerimónias de recepção estenderam-se até às 11 e 30 minutos. Os visitantes primeiramente estiveram na zona central das actividades, onde foram cumprimentados pelos membros da organização e pelo chefe de campo Saburo Matsukata. Foram-lhe também apresentados os chefes de contingente e os representantes oficiais do Conselho Mundial do Escotismo junto deste Jambori.

— Suas Altezas ficaram satisfeitos com o que lhes foi dado observar?



O nosso camarada Manuel Rodrigues com o cosmonauta Neil Armstrong, durante o XIII Jambori Mundial, encontro a que o nosso colaborador se refere na entrevista neste número publicada

Manuel Rodrigues responde sem hesitação:

— Certamente. O príncipe Akihito até transmitiu aos participantes a seguinte mensagem que traduz bem a sua admiração por aquela actividade: «*Não posso exprimir completamente a minha alegria vendo jovens de tantos países reunidos no sopé do Monte Fuji em tão grande assembleia, vivendo no espírito de amizade, como vós, escoteiros de todo o mundo, o estais fazendo neste primeiro Jambori Mundial que se realiza no Japão. Creio que o lema deste Jambori é* Em prol do entendimento. *Acredito firmemente, sem qualquer dúvida, que a amizade e a compreensão nascidas entre vós mais se fortalecerão neste Jambori, contribuindo decididamente para o fomento de relações amigáveis entre os países. Lamento que os efeitos do tufão tenham prejudicado muitas das actividades programadas. Confio, no entanto em que fareis* o melhor *nestes curtos dias que restam do Jambori*».

«Durante as cerimónias na zona central, o escoteiro-chefe dos *Boy Scouts of Nippon* agraciou o príncipe com a mais alta condecoração dos escoteiros japoneses»: a *Pheasant Award*.

No próximo número:

Os diversos acontecimentos e cerimónias do Jambori continuam a ser apreciados pelo nosso camarada Manuel Augusto Rodrigues.



A FESTA DE NATAL DA DONA SEVERINA

Era uma senhora viúva, já entrada na idade, alta e seca, usando sempre o seu *quico*, estilo britânico, muito coladinho à cabeça. Andava como um homem e parecia estar sempre de caminho para tarefa urgente, com mensagem a transmitir. Lembrava rija árvore, batida por vendavais. Vivia com uma sobrinha, que tinha por *titi* respeito tão profundo que atingia o nível de temor, já que a obediência não era preceito vão naquela casa.

Dona Severina — assim se chamava a senhora — tinha alma de apóstolo e sentido de missão. Era tida por evangelista e capaz de dissertar sem timidez a qualquer auditório. Empunhava sempre a Bíblia, pronta a ser usada como espada do espírito e, nas suas constantes andanças, distribuía profusamente folhetos de divulgação religiosa e oferecia às crianças uma simpática revistazinha que durante muitos anos se publicou em Portugal e se intitulava «Amigo da Infância».

Vivia modestamente de parcos recursos, mas conseguia ainda, com milagres de economia, retirar algo para acudir a qualquer aflição. Sentia como seu dever ensinar as primeiras letras aos adultos, numa época em que não havia campanhas de alfabetização. Muita gente humilde se familiarizou assim com as primeiras letras, aprendendo a soletrar nas páginas sagradas, usadas como livro escolar.

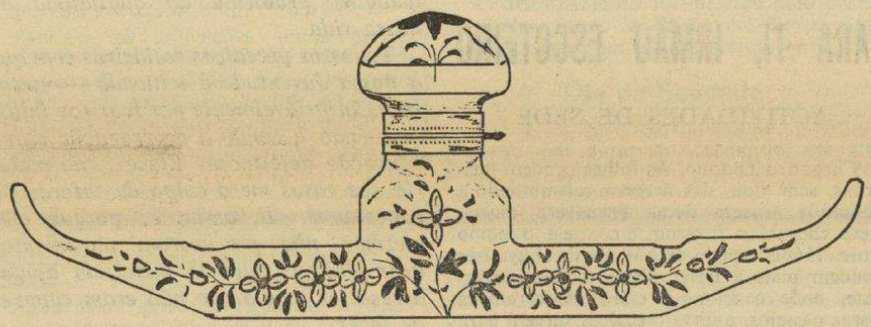
Não era fácil naquele tempo — estávamos nos primeiros anos da década de vinte — assumir assim missão tão notável junto do povo. Os *protestantes* eram raros e acerca deles contavam-se coisas terríveis. Propalava-se que nas suas reuniões se cuspia nos crucifixos, se blasfemava da Virgem e outras coisas mais. Dona Severina, apesar disso e talvez devido ao seu trato e educação, era muito respeitada. No entanto, algumas vezes sofreu grosserias e chegaram mesmo a tentar o assalto da água-furtada onde vivia. Ali se realizavam cultos devocionais em certas noites da semana, mas o seu grande entusiasmo era a Escola Dominical. Juntava todas as manhãs de domingo diversas crianças da redondeza a quem ministrava lições bíblicas.

Entre essas crianças, contava-me eu próprio, que, na companhia de minhas irmãs, comparecia pontualmente, em obediência à vontade paterna. Apesar do zelo de Dona Severina e do anseio em transmitir às criancinhas as verdades do Evangelho, o certo é que não tinha grande conhecimento da natureza infantil, nem naquele tempo os métodos de educação e os conhecimentos pedagógicos eram muito evoluídos nem estavam divulgados para além do círculo de especialistas. A hora de catequese, mau grado as boas intenções e tal como ainda hoje acontece com demasiada frequência, tornava-se assim numa tortura até chegar o momento de cantar o hino:

Amável para toda a gente, assim me
[quer Jesus;
Alegre, rosto contente, brilhando como
[a luz.
Brilhando, brilhando qual doce luz;
Brilhando, brilhando por meu Jesus.

E logo galgávamos a escada de três andares, correndo para a liberdade, não sem que um ou outro vizinho mais intransigente fizesse ouvir o seu protesto pelo barulho, incidente que Dona Severina diplomàticamente sanava com toda a cortesia.

A apoteose da Escola Dominical era a festa de Natal. Ainda o fim do ano vinha longe e já Dona Severina se afadigava nos preparativos. Seleccionava poesias, diálogos, coros e organizava o programa. Imediatamente começavam os ensaios. Ensinava a dizer, disciplinava gestos, ensaiava coros, tudo com o maior amor e muita paciência. Entretanto, visitava pessoas das suas relações, solicitando donativos para a Festa. Meu Pai estava entre os contribuintes, o que não escapava à perspicácia infantil. No segundo ou terceiro domingo de Dezembro já o pinheiro do Natal ocupava soberbo o seu lugar na sala, exibindo-se vistoso à curiosidade infantil. Os meus olhos percorriam encantados as ramadas, descobrindo aqui linda bola de borracha, ali um automóvel de corda, mais além um pião de muitas cores, acolá uma curiosa gaita, ficando eu a imaginar qual daqueles belos brinquedos me iria caber. Dona Severina, infatigável, também confeccionava alguns presentes: lencinhos de bolso, *chinelinhas* para pendurar o relógio, etc. As *chinelas* eram recortadas de postais ilustrados, em que Dona Severina pacientemente cosia a biqueira, que servia de bolsa para relógio. Estes brindes também estavam na árvore, mas não me passava pela cabeça que qualquer deles me pudesse caber, pois era dos alunos mais assíduos.



Finalmente chegava o Natal! Dona Severina redobrava de zelo missionário. Ia pelas ruas convidar outras crianças para a Festa, oportunidade magnífica para atrair mais «ovelhinhas do Senhor». E o facto é que, seduzidas pelo encanto do Natal ou porque já conheciam os hábitos, muitos rapazes e raparigas compareciam nessa altura e alguns começavam mesmo a aparecer na Escola Dominical uns domingos antes, para logo desaparecerem assim que terminavam as festas. A sala era pequena para conter a rapaziada que aparecia no dia da Festa. Cada um de nós desempenhava tão bem quanto possível o papel que lhe tinha sido distribuído e, por muito mal que a coisa tivesse corrido, ficávamos convencidos da nossa brilhante actuação.

Dona Severina, felicíssima pela sua linda festa, principiava a distribuir os prémios, enquanto o meu coração batia apressadamente. A chamada porém começava exactamente por aqueles meninos que «só lá iam para a festa», e, pior do que isso, os mais lindos brinquedos iam progressivamente desaparecendo nas mãos ávidas dos visitantes até que na árvore ficavam apenas as *chinelinhas*, os lencinhos e outras bugigangas mais que não conseguiam reter a ansiedade infantil, tendo-me cabido finalmente, como prémio de aproveitamento e assuiduidade, um lencinho branco para o bolso.

É fácil imaginar o desapontamento que a distribuição dos prémios provocava nas crianças, que não ocultavam a sua indignação. Dona Severina acabava por ter o desgosto de saber do despeito dos alunos e era a vez de ficar também ela tristemente desapontada. «Era incrível que filhos de crentes, alunos da Escola Dominical, não pudessem compreender que era necessário cativar os estranhos para que fossem chamados para a Casa do Senhor».

A natureza infantil, se não pode conceber esses tão altos desígnios apostólicos, é no entanto generosa. Passados poucos dias, o despeito tinha-se diluído até que o rodar inexorável do tempo trazia outro Natal, sempre ansiosamente aguardado. Tudo se passava da mesma forma. Os meninos visitantes eram presenteados com os melhores brinquedos, para que continuassem a vir à aula bíblica. Coube-me, dessa vez, uma das tais *chinelinhas*. Não era já desapontamento, mas revolta que aflorava ao meu espírito, que o iria calejar para enfrentar pela vida fora tantas situações semelhantes, mas bem mais graves e sem alevantados objectivos. Naquele momento, porém, não estive disposto a suportar semelhante afronta. Era perigoso desafiar o génio disciplinador de Dona Severina, mas enchi-me de coragem, arremessei a *chinelinha* para debaixo da árvore do Natal e cheguei a casa de mãos vazias, dizendo francamente a meus Pais o que tinha acontecido. Talvez estes compreendessem a minha atitude, mas, fiéis aos imperativos de educação, deram-me uma reprimenda e alguns conselhos, que ouvi mas não me convenceram, declarando logo ali que não voltaria a colaborar na Festa do Natal. Se bem prometi, melhor fiz. Dona Severina tomou conhecimento da minha *feia acção* e dela se queixou a meus pais. No Natal seguinte neguei terminantemente a minha participação na Festa. O prémio que me deveria caber — vim depois a saber — era um tinteiro de louça montado em cima de vistoso bote. Não recitei a poesia que me fora distribuída e não recebi o prémio. Meu Pai comentou que eram «dois teimosos» e tinha razão. Veio outro Natal e as coisas passaram-se de idêntico modo. Nem um nem outro transigia.

Mas, ao terceiro Natal, talvez porque a idade fosse avançando, embora ainda infantil, ou porque o incidente se desvanecera na memória, acedi em participar na Festa, tendo dito com algum agrado uma poesia em que a pena e o tinteiro dialogavam. Terminada a festa, Dona Severina, imperturbável e sempre intransigente, colocou-me vitoriosamente nas mãos o célebre tinteiro há três festas guardado, magoando-me ainda mais do que se me tivesse oferecido outra chinelinha.

E. R.



PAGINA DO ESCOTEIRO

A juventude perante o dia de amanhã

Que será ?

Como se anteverá o futuro do jovem?

Cruel e desapiedado... desumano e fulgurante... inóspito ou aborrecido.. tudo são normas de pensamentos pesarosos que rotundamente poderá parecer a antevisão de paraísos irrealistas.

Actualmente, enquanto a Juventude é criticada pelos seus devaneios aborrecidos... injuriada pela sobreposição das suas ideias não acatadas... molemente desprezada pela sua vida sem preocupações... irritantemente oposta a preconceitos de moral duma sociedade ainda mais apodrecida, tudo isso o jovem vê.. e medita. Conquanto estas normas actuais sejam o usufruto do próprio comportamento actual do jovem, ele próprio acha no seu comportamento como um refúgio às hipocrisias duma sociedade descabida.

Também nós, escoteiros... somos rapazes como os outros. Também o nosso espírito juvenil se retrai perante tantas desigualdades na compreensão do adulto.

Mas, no entanto, o nosso ideal ensina-nos algo mais que os outros desconhecem

Sim... algo que nos faz homens com valor moral, suficiente para subtrair qualquer problema do quotidiano da nossa vida.

Todos os precalços rotineiros com que a nossa Juventude é criticada — muitas vezes invariàvelmente por motivos injustos — não é senão a prorrogação duma educação defeituosa. Ela é... na maioria dos casos mera culpa de tutores ou educadores. E, assim é, porque eles mesmos não procuraram movimentos aconselháveis, que os pudessem ajudar a resolver aquilo que não eram capazes de fazer.

Não desejo de forma alguma, insinuar que os escoteiros são refugiados de educações não válidas, antes porém quero demonstrar, aquilo que nós escoteiros sentimos e vemos, aquilo que tem jus no nosso ideal, aquilo por que lutamos com tanta alegria... a consagração da honestidade em homens verdadeiros.

O dia de amanhã apresenta-se para o jovem como um enigma de resoluções improváveis, para ele existe o receio do dia a dia, tornando proeminente tudo o que com ele se relacione. Assim, conquanto o adulto desejasse criticar cada dia mais os jovens, a tolerância dele consome energias prevendo os precalços do futuro.

Nós, escoteiros, aprendemos dia a dia maneiras práticas de enfrentar o futuro, e com elas achamo-nos aptos a resolver o que os outros jovens não sabem, mas desejamos ensinar com as fracas posses do nosso conhecimento.

Tu... jovem escoteiro, que te encontras na flor da vida,... medita... quantos precisam da tua ajuda para enfrentar o futuro incerto de amanhã? Muitos. Por isso leva os teus conhecimentos aos necessitados, para que o nosso ideal demonstre, cada vez mais, as vontades altruístas com que lutas na educação do jovem.

Só assim, poderás estar SEMPRE PRONTO.

GAMO LIGEIRO

PARA TI, IRMÃO ESCOTEIRO

ACTIVIDADES DE SEDE

Chegou o Outono. As folhas pendem taciturnas, sem vida, das árvores, relembrando a monótona tristeza duma Primavera morta. Breve chegará o Inverno, e com ele o tempo frio e húmido, onde as bátegas de chuva nos prendem mais a casa. Neste tempo inconstante, onde o frio e a chuva deliberam os nossos passeios, muitos precalços surgem para o escoteiro. Terminaram os belos acampamentos, cheios de vida e alegria. Findaram os raides de Verão, onde as paródias são a constante duma sã camaradagem. Sòmente... seja qual for o tempo ou época, o nosso espírito escotista está, e estará, sempre vivo para praticar o bem em qualquer ocasião ou circunstância.

Pois bem... caro jovem irmão escoteiro, se, no entanto, as actividades de Verão terminaram, de maneira nenhuma poderemos ficar parados É já altura de iniciarmos mais algumas actividades, para isso servem as distracções que se possam criar na sede,

Olha para a tua patrulha.. tu, experimentado Guia, por ela poderás fazer imensas coisas neste Inverno que se aproxima. Repara no canto dela. nas reparações que lhe poderás fazer, nos retoques que lhe poderás dar, na perspectiva de ideias novas que te possam dar maiores vitórias no próximo Verão.

Tudo o que faças com que possas contribuir para um melhoramento uno da tua patrulha, tem valor, não só no aspecto de apresentação, como, também, no duma maior camaradagem entre os elementos da tua patrulha, assim como dum contributo para o engrandecimento do Grupo.

Aproveita todos os bocados, para realizar convívios e tirar provas de classe aos teus elementos. Que saibas aproveitar ao máximo para que eu possa no próximo Verão ver os frutos do teu trabalho

Parar... não significa aquilo por que o nosso ideal luta, por isso BOA CAÇA.

GAMO LIGEIRO

CONSELHOS EM CASO DE INCÊNDIO

Se por um descuido qualquer, umas brasas mal apagadas na lareira, um cigarro atirado para qualquer lado, um curto-circuito, sabe-se lá o que mais, acordasse com um incêndio em casa, não deveria em caso algum entrar em pânico.

A primeira medida a tomar é a evacuação das pessoas pelo caminho mais rápido e seguro.

Seja o incêndio de origem eléctrica ou não, há que desligar imediatamente a corrente, procedendo-se da mesma forma em relação às canalizações do gás.

Outra fase da actuação é a de tentar extinguir o fogo com os meios disponíveis, verificando-se primeiro se o extintor é o apropriado para o tipo de fogo que se pretende apagar.

Além disso, deve-se ler as instruções para uma perfeita utilização do extintor.

Deve-se retirar. também, certos objectos e líquidos fàcilmente inflamáveis, desde que não representem perigo imediato.

Fechar todas as portas possíveis para que não haja uma corrente de ar que vá alimentar o fogo.

E, sobretudo, conservar a calma, dando o alarme aos bombeiros.

Muitas das mortes ocasionadas por incêndio resultam da falta de calma das pessoas e, consequentemente, do pânico de que são possuídas nos momentos de perigo.

CANTINHO DO LOBITO

FALAM OS LOBITOS

Aproveitámos a nossa presença na festa da investidura dos lobitos e escoteiros do Grupo 21, a que fizemos referência há alguns meses, para conversarmos com alguns elementos que fizeram a promessa.

Começámos pelos mais novos, os lobitos.

— Olha lá, rapaz: como te chamas? — perguntámos a um deles.

— Ernesto Manuel Miguel Chora, — respondeu-nos, rápido.

— Chora? mas, então, és chorão? — perguntámos-lhe a rir.

— Não. Senhor! — volveu-nos. Chora é o meu nome, mas olhe lá que eu não sou medricas.

— Bem me parecia — retorquimos. — Quanto anos tens?

— Dez.

— Gostas de andar nos lobitos?

Sem hesitar, o Ernesto respondeu:

— Gosto muito.

Fizemos uma pausa e perguntamos novamente:

— Dize lá: que gostas mais de fazer nas reuniões?

— Gosto de aprender a fazer coisas e gosto muito dos jogos.

Falámos depois com o António Carlos Silveira, com o Albertino Nunes e com o Joaquim José Dias. Todos afirmaram que gostavam muito de aprender a fazer coisas, a jogar à bola, jogar a bola de bonecos e até o Joaquim nos mostrou. nas pontas do lenço, como se fazia o nó direito.

Bons lobitos, sim senhor!

A. I.

Confirma-se a boa actuação dos escoteiros portugueses no XIV Jambori no Ar

Continuação da pág. 8

São os seguintes os resultados obtidos:

Com postos estrangeiros: Alemanha Ocidental, Austrália, Brasil (7), Canadá, Curaçau (Aruba), Dinamarca, EUA, Finlândia, Grécia, Holanda, Inglaterra (6), Itália, Japão, Noruega e Suíça.

Com postos portugueses: Grupo 52 em Angra do Heroísmo, Grupos 6 e 77 em Faro, Grupo 23 e Ag. 23 e 73 em Lisboa, Ag. 156 em Nova Lisboa, Grupos 4, 15 e 17 no Porto.

Agrupamento 156 (CNE) — Nova Lisboa

Este Agrupamento teve actuação muito meritória neste JOTA, o que é atestado pelos 74 contactos que fez, com postos situados em África, Europa e América. E melhores resultados poderiam ter conseguido se melhor tivessem sido as condições de propagação. Mesmo assim, merecem um BRAVO! muito vibrante.

Os escutas do 156 serviram-se de três postos. Eis a enumeração dos contactos efectuados:

Do posto CR6MJ, do sr. Germano Trindade Freitas Lopes:

Com o estrangeiro: 22 contactos com o Brasil. Com postos portugueses: Grupos 2 e 23 e Ag. 8 e 23 em Lisboa (2 cont.), Ag. 167 e Companhias 2 e 10 em Lourenço Marques, Grupo 80 em Ponta Delgada, Ag. 196 e Companhia 1 em Quelimane, e Ag. 12 em Santarém.

Do posto CR6ML, do sr. Germano Augusto B. Lopes:

Com postos estrangeiros: Brasil, Holanda, Luxemburgo e União da África do Sul (2). Com postos portugueses: Ag. 155 na cidade da Beira, Ag. 12 no Cartaxo (2 cont.), Grupo do Dondo no Dondo, Grupos 6 e 77 em Faro, Grupo 24 no Funchal, Ag. 178 em Lourenço Marques, Grupos 4, 15 e 17 e Ag. 275 no Porto, Ag. 187 em Tete, Grupo 44 em Vila Nova de Gaia, e Ag. 6 em Vila Salazar.

Do posto CR6EF, do sr. José Gestosa Ferreira:

Com postos estrangeiros: Brasil (3), Inglaterra, Itália, Rodésia (3), Sudoeste Africano (3), e União da África do Sul (9). Com postos portugueses: Ag. 288 na cidade da Beira, Grupos 2 e 21 em Cascais, Ag. 21, 167 e 168 em Lourenço Marques (4 cont.), Ag. 196 em Quelimane (3), e Ag. 6 em Vila Salazar.

O Grupo 36 e os Agrupamentos de Luanda do CNE também participaram neste JOTA

O E. C. José A. Ribeiro e Cunha, adjunto para Angola da Organização Nacional, no relatório que apresentou dá conhecimento de que o Grupo 36 e os agrupamentos do CNE do Colégio dos Maristas, da Sagrada Família, do Bairro da Prenda e de N. S. da Nazaré, todos de Luanda, também estiveram neste XIV JOTA, para o que utilizaram diversos postos de radiamadores, tendo alcançado magníficos resultados.

Todavia, todos os relatórios elaborados, à excepção de um, se extraviaram, facto muito lamentável, tanto mais que a actuação dos escoteiros luandenses tinha atingido um nível nunca até agora alcançado.

O emissor CR6FC, do conceituado radiamador sr. Fausto Marques da Costa, trabalhou neste JOTA sob o indicativo especial CR6JK. Numa demonstração de grande amizade para com os escoteiros, este radiamador concordou em que o seu posto fosse deslocado para um acampamento nos arredores de Luanda, onde funcionou durante o período do JOTA.

Os outros postos de Luanda que aderiram a esta actividade são os seguintes: CR6IY, CR6IU, CR6JH, CR6KI, CR6NF e CR6XX, respectivamente dos radiamadores srs. Cipriano Antunes Agostinho, Augusto de Sousa Santos, Carlos Henrique Sarmento, José Luís de Sousa Santos, José João de Oliveira e José Manuel de Almeida. Só o relatório respeitante ao CR6IU não se extraviou.

A terminar este apontamento acerca de Luanda, há a registar a notícia do pedido de demissão do E. C. Ribeiro e Cunha do lugar de adjunto do Organizador Nacional, por não poder coordenar estas funções com os seus deveres de estudante.

Lamentamos esta retirada, mas esperamos que se possa encontrar uma plataforma que permita continuar a contar com os bons serviços que este dirigente tem prestado ao escotismo.

Serviço de material e uniformes

Foi publicado mais um relatório do Fundo de Financiamento Escotista do S. M. U., este referente à gerência de 1970.

Do seu exame, verifica-se que continua a crescer o valor das transacções efectuadas, pois que, enquanto em 1969 as vendas tinham atingido Esc. 48 849$60, a maior verba até então registada, no ano de 1970 as mesmas cifraram-se em 62 621$80.

Também as aquisições acusaram aumento: de Esc. 46 778$10 em 1969, passou-se para Esc. 60 136$00, o que deu como resultado uma existência de Esc. 49 481$10 no final do período da gerência de 70.

Por terem sido os melhores compradores durante o ano, os Grupos 8 e 2 receberam prémios pecuniários (em compras no S. M. U.) e o Grupo 19 uma lembrança. O Grupo 28, o comprador mais modesto, também foi distinguido com um prémio pecuniário.

Aguarda-se que este ritmo de transacções não diminua, visto que os escoteiros de muitos grupos não usam uniformes e distintivos regulamentares, deficiência que se torna necessário corrigir, para que os escoteiros tenham a boa apresentação que o prestígio do movimento exige.

Igualmente, há grupos que só fazem no S. M. U. uma pequena parte das suas aquisições.

O escotismo em Angola

GRUPO N.º 36 – LUANDA

Em Setembro passado, foram admitidos nove aspirantes e demitidos três membros por motivos de sua vida particular.

Actividades diversas

Tem sido intensa a actividade do Grupo e, entre outras, de 7 a 12 de Agosto, realizou-se um acampamento nos arredores da cidade. Em Agosto também, participou activamente no VI Acampamento Regional do C. N. E. de Luanda, no qual esteve representado pelas Patrulhas Leão e Tigre, tendo obtido respectivamente a 3.ª e 9.ª classificações.

Em 26 de Setembro, efectuou-se um bivaque na Praia do Sol.

Tem vindo a prestar colaboração ao «36» o Chefe Abel dos Santos, que se encontra a prestar serviço militar na província. — C.

DO ENTRONCAMENTO

Nova chefia do Grupo N.º 84

O Presidente da Direcção do Grupo, sr. José Duarte Coelho, convocou uma reunião especial para dar conhecimento dos dirigentes escolhidos para a chefia da activa unidade do Entroncamento, escolha que se tornou imperiosa em virtude do Chefe Aníbal Rodrigues Horta se retirar para a Beira, Moçambique.

A Chefia ficará assim constituída:

Chefe — Manuel de Sousa Folgado;

Subchefe — Manuel Ferreira Valério;

Subchefe ajudante — Vítor Rodrigues Bértolo;

Chefe de Clã — Manuel António Loureiro de Sousa;

Chefe de Tribo — Vítor João Amaral Vergamota;

Chefe Administrativo — João Cardoso;

Chefe de Alcateia — D. Maria de Lourdes Pinheiro Rodrigues;

Subchefe — D. Maria Adelaide Alves Miguel;

Subchefe ajudante — Lucília da Costa Semedo.

Os novos dirigentes tomarão posse por ocasião do Natal na festa que o Grupo vai promover.

Acampamento

Nos dias 31 de Outubro e 1 de Novembro, o Grupo acampou no pinhal de S. Luís, nos arredores da vila, no qual foram efectuados interessantes trabalhos de pioneirismo, que demonstraram o nível técnico que o «84» vem atingindo.

O acampamento foi dirigido pelo Chefe de Tribo, tendo o Chefe do Grupo passado a tarde com os escoteiros.

Dia da Saudade

Em 7 de Novembro passado, o Grupo realizou uma série de actividades em que participou quase todo o efectivo num total de 52 elementos.

Às 8,30 da manhã começaram a surgir os escoteiros muito bem uniformizados, tendo despertado o maior interesse entre a população. Na presença de Escoteiros, Lobitos e Avezinhas, bem como de familiares, foi descerrada na sede uma fotografia da avezinha Isabel Maria mortalmente atropelada há dois anos.

Às 10 horas, o grupo desfilou pelas ruas da vila até ao cemitério local, onde as avezinhas colocaram flores na campa daquela sua camarada. No regresso, o Grupo dirigiu-se à igreja paroquial, onde assistiu à missa, tendo o oficiante feito referência à presença dos Escoteiros.

Terminando o serviço, o Grupo voltou a desfilar até à sede, onde era aguardado pelo Presidente sr. José Duarte Coelho e por muitos familiares dos escoteiros.

Almoço de confraternização

Realizou-se depois um almoço de confraternização que uniu em ambiente de amizade todos os membros do Grupo e, em especial, para a despedida do Chefe Horta e de sua Esposa, que em breve partirão para Moçambique, como já noticiámos. No final do almoço, o sr. José Duarte Coelho referiu-se aos momentos de amizade tão familiar ali passados, mas expressou a sua grande tristeza e bastante mágoa pela partida do Chefe Horta e de sua Esposa, cuja falta iria ser muito sentida e muito lamentada.

O Chefe Horta agradeceu as palavras amigas que lhe foram dedicadas e disse da amizade que a todos dedicava e a tristeza que sentia pela separação, mas que o «84» contaria sempre com o seu apoio e amizade inesquecível.

O «Dia da Saudade» terminou depois de uma tarde de convivência em que foram realizados jogos diversos e entoadas diversas canções. — C.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Confirma-se a boa actuação dos escoteiros portugueses no XIV JAMBORI NO AR

Mais Relatórios recebidos

Os relatórios que estão chegando à Organização Nacional do JOTA vêm confirmar que, mais uma vez, os escoteiros responderam positivamente à chamada para participar nesta actividade mundial dos escoteiros, o que demonstra que os nossos rapazes, e também as nossas guias, gostam de corresponder àquelas actividades que falam ao seu entusiasmo juvenil e que são bem planeadas. Isto é Escotismo. É isto que Baden-Powell sugere aos dirigentes: captar a juventude por meio de iniciativas próprias do temperamento vivo do adolescente. Só assim o nosso movimento poderá andar para a frente; só assim é possível efectivamente praticar Escotismo.

Vejamos agora o resumo de mais alguns relatórios que se receberam:

Grupo do Dondo (Moçambique)

A boa vontade e dedicação do ilustre radiamador sr. José Faria C. Manso mais uma vez ficou patenteada pela forma como acolheu os rapazes e as raparigas do Grupo do Dondo. A sua estação, CR7IX, esteve *no ar* sob o indicativo especial para o JOTA de CT1AEP. E foram dignos de registo os contactos obtidos, 58 ao todo, que abrangeram quase todas as partes do mundo. Enumeremo-los:

Com o estrangeiro: Argentina, Bahrein, Botswana, Brasil (5 contactos), Holanda, Inglaterra, Itália (3), Luxemburgo, Noruega, Polónia, Quénia (2), República Democrática do Congo, Rodésia, Tanzânia, União da África do Sul (21) e União Indiana.

Com postos portugueses: Ag. S. Jorge, Paróquia de Fátima e 155 na cidade da Beira (3 contactos), Grupo 39 em Benguela (4 cont.) Grupo 24 no Funchal, Grupo 2, 8, 12, 21 e 23 em Lisboa (3 cont.), Ag. 10 e 67 e Comp.ª 2 em Lourenço Marques, Grupo Andorinhas da Nazaré em Luanda, Grupos 4, 15 e 21 (?) em Matosinhos, e Nova Lisboa.

Enviando parabéns aos jovens do Dondo, aproveitamos a oportunidade para lhes fazer uma pergunta: para quando a concretização do projecto, que tiveram, de montar a estação a bordo de um barco e de operar da ilha dos Portugueses?

Grupo 18 — Cucujães

Este grupo, mais uma vez esteve presente no JOTA, novamente graças à colaboração do radiamador sr. Augusto César dos Santos, que não pôde, contudo, dar a cooperação que desejava. Os resultados, por este motivo, não foram famosos e limitaram-se aos 7 contactos seguintes: Canadá e Holanda no que concerne a postos estrangeiros. Com portugueses: Grupo 23 na Amadora, Grupos 6 e 77 em Faro, Ag. 15 na Figueira da Foz, Grupo 23 e Ag. de Setúbal do CNE, em Lisboa, e Grupo 23 em Moscavide.

Grupo 52 — Angra do Heroísmo

Foi deveras notável a participação deste Grupo no último JOTA. Conseguiram os rapazes do 52 a proeza de contactarem 95 postos distribuídos pelas cinco partes do mundo. Tal êxito fica-se devendo, em grande parte, ao distinto radiamador sr. Vítor José Pamplona Ramos que, há vários anos, vem oferecendo a sua preciosa colaboração aos escoteiros angrenses, com o posto CT2AP.

Eis os resultados alcançados:

Com postos estrangeiros: Alemanha Ocidental (2 contactos), Argentina, Austrália (3), Áustria, Brasil (16), Canadá (4), Checoslováquia, Coreia do Sul, Curaçau, Luxemburgo, Escócia (2), Espanha, França (2), Holanda (2), Hungria, Inglaterra (6), Itália (10), Japão (23), Jugoslávia (2), Peru, Polónia, Rússia, Trindade e Venezuela.

Com postos portugueses: Grupo 39 em Benguela, Grupos 12 e 16 em Carcavelos, Grupos 6 e 77 em Faro, Ag. 4 e 15 (CNE?) no Funchal, Grupos 12 e 23 em Lisboa, Grupo 80 e Ag. 107 em Ponta Delgada, Grupo 17 e Ag. 74 e 95 no Porto (3 cont.) e S. Vicente de Cabo Verde.

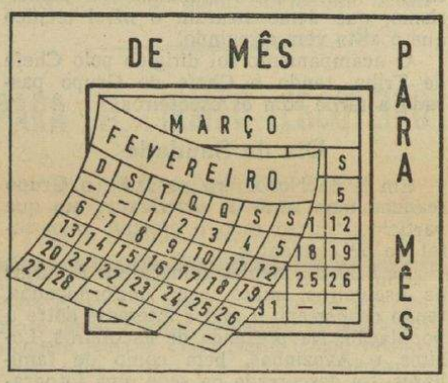


Apesar de formação recente, o Grupo 22, do Cacém, teve actuação muito entusiasta no Jambori no Ar. Eis o momento em que foi estabelecido um contacto. O interesse de todos é evidente

Grupo 80 — Ponta Delgada

Este Grupo esteve *a bordo* do emissor CT2AK, de novo posto à disposição dos escoteiros pelo seu proprietário sr. João Manuel V. Raposo. E conseguiram um número apreciável de contactos — 31 — o que coloca este grupo açoriano numa posição muito regular, com ligações para os cinco continentes também.

Continua na pág. 7



É tempo de reacender o velho fogo

Uma vez mais os Antigos Escoteiros estiveram junto ao monumento comemorativo da Restauração da Independência de Portugal. Também lá esteve uma tímida representação de escoteiros. Os «Antigos» certamente recordaram que era neste dia que os escoteiros compareciam na máxima força para tomar parte numa actividade cívica que tão bem se coadunava com os seus ideais.

Parece-nos que presentemente já temos em Lisboa efectivo suficiente para permitir participar em actividades desta natureza e o Movimento não deve estar ausente das comemorações nacionais de carácter cívico. Isso não só faz parte do nosso programa educativo, como é necessário que os Escoteiros apareçam em público para que deles haja notícia.

Um Movimento que se esconde, que não proporciona oportunidade para que os seus membros se encontrem, confraternizem, tomem consciência da sua existência, não é movimento, é um corpo morto.

Quando será que os Escoteiros de Portugal saem da inércia em que caíram? É tempo de reacender o velho fogo e reunir as tribos. Haja quem tome a iniciativa de lançar o grito de chamada!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00